

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

AUGUSTTO DE PAULA GUIMARÃES

BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ BARBOSA

Eduardo Manuel Bartalini Gallego

Márcia Aparecida Amador Mascia

**A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS
ARMADOS**

Itatiba

2022

Dedicamos esta pesquisa à Ana Carolina Pacheco da Silva, Austin Cloyd, Bianca Rocha Tavares, Brian Bluhm, Caio Oliveira, Caitlin Hammaren, Cassie Bernall, Christopher Jamie Bishop, Claiton Antônio Ribeiro, Corey Depooter, Daniel Mauser, Daniel Patrick O'Neil, Daniel Pérez Cueva, Daniel Rohrbough, Douglas Murilo Celestino, Eliana Regina de Oliveira Xavier, Emily J. Hilscher, Erin Peterson, Géssica Guedes Pereira, G. V. Loganathan, Henry Lee, Igor Moraes, Isaiah Shoels, Jarrett Lane, Jeremy Herbstritt, Jocelyne Couture-Nowak, John Tomlin, Juan Ramon Ortiz, Julia Pryde, Kaio Lucas da Costa Limeira, Karine Chagas de Oliveira, Kelly Fleming, Kevin Granata, Kyle Velasquez, Larissa dos Santos Atanásio, Laryssa Silva Martins, Lauren McCain, Lauren Townsend, Leslie Sherman, Liviu Librescu, Luiza Paula da Silveira Machado, Mariana Rocha de Souza, Marilena Ferreira Vieira Umezo, Mary Karen Read, Matthew Gwaltney, Matthew Kechter, Matthew La Porte, Maxine Turner, Milena dos Santos Nascimento, Minal Panchal, Nicole White, Partahi Lombantoruan, Rachael Elizabeth Hill, Rachel Scott, Rafael Pereira da Silva, Reema Joseph Samaha, Ross Abdallah Alameddine, Ryan Clark, Samira Pires Ribeiro, Samuel Melquíades Silva de Oliveira, Steven Curnow, William David Sanders e Waleed Mohamed Shaalan, vítimas fatais dos massacres aqui descritos e analisados. Esperamos que esta obra impulse discussões acerca da temática dentro do contexto pedagógico, a fim de batalharmos para o cessamento destes crimes.

A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS

AUGUSTTO DE PAULA GUIMARÃES¹

002201902340

BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ²

002201903594

RESUMO

Crimes como atentados em ambientes escolares, também chamados de “atos amoques”, por Robert Kurz, estão cada vez mais presentes no contexto educacional brasileiro. Dessa forma, vê-se necessária a discussão sobre casos acontecidos dentro e fora do Brasil, bem como padrões e fatores que os ligam, a fim de explicitar a motivação da escolha pela escola ao se imaginar, esquematizar e realizar tal ato. Por meio de matérias jornalísticas de fontes como BBC News Brasil, G1 e Folha de S. Paulo, artigos científicos, livros e documentários, procura-se, nesta obra, relacionar conceitos emergentes que cerceiam este cenário - tais como *bullying*, fóruns de internet, reconhecimento pela divulgação midiática e crise de masculinidade - com os ideais de autores como Paulo Freire e Ailton Krenak, encontrando, assim, alternativas cabíveis de serem colocadas em prática pelos colégios - baseando-se no conceito de educação transformadora - para evitar que estes massacres não voltem a acontecer. Ademais, esta pesquisa possui como objetivo principal a inserção da discussão e reflexão acerca de casos reais - dentre eles, os ocorridos em Columbine, Virginia Tech, Realengo e Suzano - dentro do contexto da Pedagogia, visto que não se encontram disponíveis grande quantidade de material bibliográfico voltado à área, além de comprovar a importância de considerar múltiplos aspectos socioemocionais ao refletir sobre esta temática.

Palavras-chave: atentados; massacres em escolas; violência escolar; desafios escolares; crimes na escola.

INTRODUÇÃO

Massacres em escolas são eventos com poucas chances de previsão, sem data, hora e local para se mostrarem reais. Logo, chamam a atenção e assustam a sociedade com seus acontecimentos esporádicos. Casos como os atentados na Columbine High School (1999) e Virginia Tech University (2007), nos Estados Unidos da América, direcionaram grande foco de imprensa e público ao assunto, levantando discussões acerca do que seriam os fatores decisivos para que situações como estas aconteçam, como bullying, a busca pelo poder por meio das armas, a ‘raiva masculina’, entre outros.

Todavia, estes episódios têm se mostrado presentes, também, na sociedade brasileira. Nos últimos anos, atentados ocorridos na Escola Estadual Professor Raul Brasil (2019) e Escola Municipal Tasso da Silveira (2011) tomaram grande proporção nos meios de

¹ Aluno do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

² Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

comunicação, levantando a mesma discussão, outrora internacional, mas com traços e contornos característicos do Brasil.

Desde então, a Polícia brasileira se mostrou eficaz em identificar e prevenir que mais ataques como esse ocorram em escolas nacionais. Segundo o Governo Federal (2021), no ano de 2021, dez massacres programados para acontecer em instituições educacionais foram evitados com a parceria entre Polícias Cíveis e Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Entretanto, pouco se é falado sobre estes eventos em ambientes escolares e formativos de professores, fato que ocasiona a falta de reflexão acerca da escolha da escola para a promoção de um atentado, e quais aspectos sociais e emocionais relacionam-se com tal prática.

Assim que começaram a cursar Pedagogia, os estudantes que escrevem este artigo se viram interessados em discutir a presença destes ocorridos, encorajados pelo Massacre de Suzano e seus desdobramentos abordados pela mídia, mas pouco discutidos em seus respectivos ambientes de trabalho.

Embora estes casos se mostrem recorrentes no âmbito midiático, pouco são discutidos dentro do meio acadêmico: raros são os artigos e/ou livros que abordam a temática dentro da educação. Geralmente, as questões discutidas acerca do evento são reflexões conectadas com temáticas como bullying, exclusão e violência. Dessa forma, vê-se a necessidade de ampliar o debate e trazê-lo para dentro da universidade, de onde sairão formados futuros professores, que, eventualmente, podem presenciar ataques como os aqui evidenciados. A problemática pensada para o desenvolvimento da pesquisa se dá através de três questionamentos, procurando segmentar e organizar os objetivos gerais e específicos para com o levantamento bibliográfico. São estes:

Por que a escola é um dos locais escolhidos para a realização de atentados armados? - busca-se comparar casos reais e analisar suas investigações, a fim de entender o motivo da escolha pela instituição escolar como palco para massacres;

Quais aspectos socioemocionais contribuem para tal? - procura-se compreender quais nuances na relação entre alunos, professores e demais funcionários, além das relações interpessoais fora do ambiente escolar, levam alguém a realizar tal ato (podendo se estender, também, a questões sociais, familiares e estruturais);

O que se pode fazer - no papel de escola - para mudar este cenário? - com o levantamento das questões anteriores, acredita-se que haja algo que os colégios possam realizar e/ou mudar para que o ambiente escolar não propicie tal contexto (sem os colocar como 'culpados', mas como fator de extrema importância para combater este ato).

Pretende-se, com a realização deste projeto, sanar dúvidas e confirmar posições idealizadas. Busca-se compreender e também confirmar posicionamentos pré estabelecidos,

tais como: a mídia como grande influenciadora destes acontecimentos; o *bullying*, a exclusão e as divergências sociais que contribuem para o aumento de crimes como os citados. Planeja-se, a partir de evidenciamento e mapeamento, estabelecer as chacinas em escolas como eventos recorrentes dentro do contexto educacional mundial, promovendo a reflexão acerca dos aspectos (dentro e fora da escola) que fazem alunos planejarem e executarem situações como esta.

Assim, são pensadas algumas etapas específicas para atingir as expectativas e objetivos deste artigo, como a discussão de atentados reais, como o massacre de Columbine High School e Virginia Tech (ambos ocorridos nos EUA), e (dentro do contexto brasileiro) os atentados de Realengo, na escola Tasso da Silveira (RJ) e na escola Raul Brasil em Suzano (SP), afim de explicitar que estes são eventos constantes e próximos a realidade dos docentes.

Em seguida, analisar aspectos que se tornam possíveis motivações para que alunos se tornem atiradores, explorando e relacionando diferentes temáticas como: a relação entre armas e poder; violência escolar, bullying e exclusão; e o conceito de 'raiva masculina', promovido por Idoeta (2019).

Com estas ideias estabelecidas, se mostra preciso discutir como a mídia pode contribuir para o "endeusamento" dos autores do crime, deixando-os em evidência e assim, podendo inspirar outros atentados. Segundo a análise de uma reportagem, escrita por Corrêa (2019), a mídia tem como foco os atiradores e seus feitos, o quão pior um caso é em comparação a outro, tornando explícita a violência que, por sua vez estimula outros crimes, tendo como "recompensa" a fama e a atenção, mesmo não sendo benevolentes.

Por fim, o levantamento de um debate para a reflexão do leitor é construído, acerca de como a escola pode, de forma conjunta entre equipe gestora, professores e demais funcionários, fomentar o respeito e o bem estar das crianças e jovens, contribuindo para uma relação harmônica entre todos que frequentam as salas de aula e seus arredores. Isto, utilizando como base a noção de educação transformadora promovida por Paulo Freire.

O método empregado no presente artigo foi o qualitativo, com base em análise bibliográfica e, para a sua realização, foi utilizada a investigação por meio de livros, estudos, artigos científicos, notícias jornalísticas e documentários.

Todo o material anteposto tem como finalidade apresentar fatos e contribuir para a insurreição das reflexões promovidas pelos autores, segmentando-se por temáticas: a análise de casos estadunidenses e brasileiros, como os casos em Columbine, Virginia Tech, Realengo e Suzano; a reflexão acerca das semelhanças e divergências dos perfis dos *school shooters*, levantando aspectos que envolvem crises de masculinidade, autoafirmação através das armas, fóruns de internet, *bullying* e reconhecimento midiático; e, por fim, como se dá o papel da escola dentro deste contexto, ressaltando o início das

discussões entre profissionais da educação como base para a construção de medidas preventivas.

1 MASSACRES EM ESCOLAS: CASOS DENTRO E FORA DO BRASIL

Atentados em instituições escolares são episódios que ocorrem em diversos países, contextos sociais e culturais; possui motivações, desdobramentos e até nomenclaturas diferentes, mostrando sua ampla presença em ambientes educacionais divergentes. Michael Moore, no documentário “Tiros em Columbine” (2002), se refere a estes delitos como *school shootings*, especificando o termo para quando este se adentra nas escolas. Robert Kurz, filósofo alemão, ao refletir acerca desta temática, utiliza-se do termo ‘amoque’ (também escrito como ‘amok’ por Raymundo de Lima). Kurz ressalta o crescimento dos atos amoques como produto do contexto social atual, conectado pela globalização.

Certamente, relatos sobre alguns amoques já são conhecidos também do passado. Mas cabe aos excessos sanguinolentos actuais uma qualidade própria e nova. Eles não se deixam encobrir por uma névoa cinza de generalidade antropológica. Pelo contrário, trata-se inequivocamente de produtos específicos de nossa sociedade contemporânea (KURZ, 2002).

Sendo assim, considera-se aspectos sobressaídos sob a ótica contemporânea das instituições escolares para tentar justificar - ou ao menos compreender - a escolha dos colégios como local para a prática destes crimes, visto a sua recorrente aparição na sociedade atual, como evidência Kurz (2002), ao dizer que “O que no passado era estado de sítio torna-se estado normal e permanente: o próprio cotidiano "civil", converte-se na autoperdição total dos homens”.

A fim de levantar comparações e reflexões para compreender atributos que cerceiam este cenário, faz-se necessário analisar casos reais de massacres. Estes estão divididos pelos contextos sociais estadunidense e brasileiro, levando em consideração as assimetrias em aspectos políticos e históricos de cada país.

1.1 O CONTEXTO ESTADUNIDENSE: ATENTADOS EM COLUMBINE E VIRGINIA TECH

Eric Harris e Dylan Klebold eram dois estudantes com, respectivamente, 18 e 17 anos, quando foram responsáveis por promover o mais conhecido atentado contemporâneo a uma instituição escolar, conhecido como “Massacre de Columbine”, ocorrido na cidade de mesmo nome, situada no estado de Colorado, Estados Unidos. O crime, que se findou com 13 mortes e o suicídio de ambos os atiradores, tornou-se amplamente divulgado pela mídia norte-americana (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Estudantes da Columbine High School, os dois infratores eram colegas, frequentando os mesmos locais de lazer e trabalho fora dos portões da escola, e se mostravam como

adolescentes ditos “comuns”: tinham casos amorosos, ligavam para a aparência e possuíam seu próprio grupo de amigos (CULLEN, 2019).

Entretanto, o crime premeditado revelou, após análise de evidências encontradas nas casas de ambos, descontentamentos envolvendo questões sociais e emocionais, o que poderiam ter motivado Eric e Dylan a organizar e efetivar o ataque ao colégio em questão. Registros feitos por Eric presentes na obra “Columbine”, de Dave Cullen (2019) citam desde a necessidade em “matar a humanidade” à facilidade em conseguir armamento para executar o massacre.

Este se deu em 20 de abril de 1999, com a perseguição de diversos jovens alunos presentes no colégio por volta das 11 horas e 20 minutos até às 12 horas e 8 minutos (MEMÓRIA GLOBO, 2021). A ampla cobertura midiática em tempo real fez com que a sociedade norte-americana marcasse o episódio como o mais famoso caso de atentado a um colégio, analisado e divulgado mundo afora (CULLEN, 2019). Dentre diversos aspectos que abrangem a linha de raciocínio traçada pelos atiradores para planejar e executar o delito, se destaca o apoio que Eric e Dylan forneciam entre si, dentro da perspectiva do uso da violência para atingir algum objetivo.

Uma segunda abordagem, menos comum, à banalidade do homicídio parece ser a díade: duplas homicidas nas quais um se “alimenta” do outro. [...] Dia após dia, por mais de um ano, Dylan energizava Eric com ondas erráticas de empolgação. Repassaram a matança repetidas vezes: choros, gritos, cheiro de carne queimada... Eric saboreava a antecipação (CULLEN, 2019).

O que foi recebido como um ato extremamente violento, criminoso e repulsivo, entretanto, passou a encorajar outros atentados em diversas sociedades pelo mundo, incluindo a brasileira (BOTÃO, SOUZA e RIBEIRO, 2019). Sendo assim, considera-se o ocorrido em Columbine como o crime mais conhecido e discutido ao se debater questões relacionadas à violência dentro de escolas.

Em 2007, a um dia de se completarem 8 anos do Massacre de Columbine, Cho Seung-Hui, estudante da Virginia Polytechnic Institute and State University, com 23 anos, promoveu o atentado com o maior número de vítimas fatais até então (VIEIRA, MENDES e GUIMARÃES, 2009), resultando em 33 mortos incluindo o próprio atirador, que cometeu suicídio.

Seung-Hui era sul-coreano, radicado em solo norte-americano como estudante na citada universidade, que se encontra em Blacksburg, no estado de Virgínia, Estados Unidos. Segundo matéria promovida pela BBC Brasil (2007), “A polícia sabia que Cho, que foi da Coreia do Sul para os Estados Unidos em 1992, havia passado por uma clínica psiquiátrica em 2005”. Além disso, o texto promove a ideia de que já haviam sido formalizadas reclamações de discentes de seu campus a respeito de suas tendências de comportamento

suicidas, o que não resultou em investigação ou auxílio psicológico promovido pela universidade.

Entretanto, o intervalo entre as primeiras e últimas mortes cometidas por Seung-Hui durou horas. As primeiras vítimas se deram quando o atirador se dirigiu a “um dos alojamentos de estudantes, [...] por volta das 7h15 da manhã (8h15 no horário de Brasília), e matou duas pessoas. A polícia e a equipe de resgate chegaram ao local rapidamente e encontraram duas vítimas baleadas, um homem e uma mulher” (G1, 2011).

Mesmo com rápida chegada da polícia, o criminoso não foi detido e os alunos da instituição não foram avisados do fato, ato que poderia prevenir a circulação de universitários pelo campus. O portal G1 explicita que “apesar desse assassinato, as aulas não foram suspensas. O autor do crime conseguiu fugir do local, o que levou as autoridades a pensarem que ele já tinha abandonado a universidade”.

Dessa maneira, Seung-Hui fez mais 30 vítimas em um dos prédios da faculdade a cerca de 800 metros de onde cometeu os outros assassinatos. Dentre os mortos, encontram-se estudantes, professores e funcionários da instituição, marcando o ocorrido como “Massacre de Virginia Tech”, um dos mais fatais até os dias atuais.

Para Vieira, Mendes e Guimarães (2009), “esse tipo de tragédia pode ser considerado por muitos como peculiarmente norte-americano, não havendo motivos para maiores preocupações pelo restante do mundo; todavia, entre Columbine e Virginia Tech o fenômeno ocorreu em vários países”. Nos anos que se passaram, a sociedade brasileira presenciou seus próprios ataques, explicitando a quebra do eixo estadunidense de massacres em instituições escolares.

1.2 O CONTEXTO BRASILEIRO: MASSACRES DE REALENGO E SUZANO

Por volta das 8 horas e 30 minutos da manhã, no dia 7 de abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira - com 23 anos - abriu fogo contra estudantes da Escola Municipal Tasso da Silveira, situada na cidade de Rio de Janeiro (LOPES, 2012). Ex-aluno do colégio, afirmou que iria ministrar uma palestra aos jovens discentes, em um momento onde justamente estavam recebendo adultos que se lá se formaram, a fim de comemorar os 40 anos de existência da instituição (BERNARDO, 2021).

Ao adentrar em uma das salas de aula, segundo Declercq (2018): “com uma arma em cada mão e carregadores tipo *speedloader*³, conseguiu dar trinta tiros. Apontava para os braços e as pernas dos meninos, evitando a letalidade. Já as meninas tomavam tiro na testa, sem chance de conversa”. O atentado durou cerca de quinze minutos, resultando em doze estudantes mortos, além de outros doze feridos. No fim de suas ações, Wellington, que

³ Os carregadores do tipo *speedloaders* são utilizados para otimizar o tempo em carregar a munição em revólveres.

já havia sido baleado por policiais militares que chegaram ao local, apontou uma de suas armas para a própria cabeça e se suicidou (BERNARDO, 2021).

Visto que o fator de gênero segregou as vítimas do ataque, possíveis vinculações do ato à violência motivada por misoginia foram levantadas. Isso se intensificou com a veiculação de uma carta escrita pelo atirador, onde questões religiosas são levantadas. Para Lopes (2012), “salta aos olhos, além da impureza, a inferioridade absoluta com que é considerado o sexo feminino”.

Além deste fator, o conteúdo do texto se encontra repleto de presunções que mostram a intenção do jovem em findar sua vida (LETA, 2011). Este caso de *school shooting* foi amplamente divulgado pela mídia, considerado um ato raro no contexto criminal brasileiro da época, e ficou conhecido como “Massacre de Realengo”. Após quase 8 anos, outro ataque a uma instituição escolar ganharia vasta cobertura midiática, conhecido como “Massacre de Suzano”.

O caso se deu em 13 de março de 2019, às 9 horas e 34 minutos, quando Guilherme Tauci de Monteiro, com 17 anos, publicou uma média de 20 fotos em seu Facebook (G1, 2019). O conteúdo das imagens consiste no adolescente, trajado de roupas pretas, boné e lenço estampado de caveira cobrindo sua boca e nariz, realizando - além de gestos obscenos - poses com um revólver.

Pouco tempo depois, precisamente às 9 horas e 43 minutos, Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, estacionou um carro alugado junto a Guilherme em frente à Escola Estadual Raul Brasil, instituição em que os dois indivíduos já haviam frequentado enquanto alunos. O adolescente deixou o veículo e adentrou os portões do colégio, que estavam abertos. Em seguida, Luiz Henrique reproduziu o mesmo movimento.

Ao abrir as portas do pátio, Guilherme começou os disparos contra os alunos que ali estavam. Seguido por Luiz Henrique, encetaram uma sequência de perseguições, agressões e homicídios, que se manteve por cerca de quinze minutos (LEMOS, 2021), e teve seu fim com o assassinato do adulto pelo adolescente e, em seguida, seu suicídio.

Deixando dez mortos, o atentado foi amplamente difundido pelas redes midiáticas e rapidamente ficou conhecido por tamanha violência no preparo e execução do crime. Brum e Silva (2021) discorrem acerca da importante análise e discussão do caso, ao explicitarem que “a repercussão do “Massacre de Suzano” alerta a necessidade inadiável do debate sobre as medidas preventivas e repressivas que vêm sendo (in)efetivadas em casos de violência envolvendo escolas”.

Todavia, não são encontradas evidências que demonstrem situações de violência escolar ocorridas com os atiradores. A plataforma Pragmatismo Político comprova este aspecto e denuncia a organização prévia do evento esquematizada pelos infratores através de entrevista realizada com testemunha sem identificação, onde a mesma “informou que

Guilherme estudou na sua sala de aula e há três dias avisou a colegas para “*ficarem espertos*”. A mesma testemunha disse que o atirador não sofria bullying.”

O caso é marcado pelo pânico e pela semelhança com o caso da escola de Realengo, no Rio de Janeiro, onde um homem matou doze alunos em 2011. E também com casos como o de Columbine em 1999 nos Estados Unidos. A semelhança não apenas no ato, mas no princípio filosófico dos assassinos (BOTÃO; SOUZA; RIBEIRO, 2019, p. 4).

Os massacres de Realengo e Suzano apontam para um cenário crescente de atentados armados envolvendo escolas. Em debate sobre este ponto, o jornal Estado de Minas (2019) aponta outros casos pelo Brasil, como: o caso do Colégio Estadual João Manoel Mondrone, no Paraná, onde um adolescente de 15 anos abriu fogo contra seus colegas; e o crime ocorrido em Goiânia, no Colégio Goyases, cometido por um aluno de 14 que - com a arma de sua mãe (que era policial militar) - assassinou dois outros estudantes.

Dessa forma, vê-se a presença destes atos cada vez mais recorrentes dentro do contexto educacional brasileiro, com múltiplos “motivos” sendo analisados por policiais, pesquisadores e psicólogos (quando os descobertos, visto a comum prática de suicídio ao final das trajetórias aqui citadas), mas com um ideal em comum: a disseminação do ódio e violência.

2 PERFIL DE ATIRADORES: ASPECTOS QUE PODEM CONTRIBUIR PARA TAL EVENTO

Com o constante crescimento dos *school shootings*, muitos autores, psicólogos, médicos e jornalistas investigam possíveis características que cerceiam a construção de um atirador e sua persona, pois, assim como afirmam Brum e Silva (2021): “...compreender como se organizam os grupos que praticam os ataques e o complexo cenário em que se articulam os atentados é elementar para o devido e coerente enfrentamento do tema”.

Idoeta (2019), em matéria para a BBC News Brasil, analisa padrões comportamentais presentes em diversos destes crimes, apontando conceitos relacionados ao questionamento da própria masculinidade, busca pelo reconhecimento e exaltação de si através da mídia, e obtenção de poder e superioridade por meio de armas, agressões físicas e morais, dentre outros ângulos que adentram - em sua maioria - fatores sociais e emocionais.

Tal como a discussão sobre massacres remete-se à fúria explícita e gráfica, é comum seu vínculo com a possível violência que seus realizadores tenham sofrido em suas vivências como estudantes. Vieira, Mendes e Guimarães (2010) apontam que: “Há relatos de que tanto em Columbine como na Virginia Tech, o ambiente da escola era altamente competitivo e marcado pela prática do *bullying* e pela falta de efetividade de professores e diretores para intervir”.

O termo *bullying* é novamente utilizado por Idoeta ao refletir sobre a fala de Eric Madfis em palestra de 2014, onde diz que “a maioria dos perpetradores são homens que sofreram algum tipo de *bullying* ou isolamento social”. Desta forma, aponta a violência sofrida por e entre alunos na rotina escolar como um aspecto contribuinte e motivador para que estudantes se tornem atiradores. Todavia, a tendência em exaltar o *bullying* como o grande fator para a ocorrência desses delitos não se mostra totalmente embasada, mas sim uma conjectura construída a partir de aspectos aparentemente óbvios.

Até que alguém levantou a hipótese de este tipo de crime ser reação às humilhações e intimidações (*bullying*). Como aprendemos em Metodologia Científica, hipótese é uma afirmação provisória para ser investigada com os critérios da ciência. Uma hipótese pode ou não ser comprovada durante as investigações posteriores. (LIMA, 2011, p. 130).

Dessarte, ao discorrer sobre os atentados em colégios, é preciso considerar fatores que podem ou não coexistir e construir um potencial perfil de atirador, pertencentes à aspectos diversos dentro da rotina escolar, familiar e social dos discentes. Assim, fóruns e plataformas online, a cobertura da mídia e a chamada ‘raiva masculina’, conceito explicitado por Idoeta (2019), se mostram, juntos à violência diária sofrida, executada e incentivada por crianças e adolescentes, como grandes contribuintes para a criação - e, sobretudo - compreensão - da mentalidade de um aluno que se transforma em assassino.

2.1 CULTURA CIBERNÉTICA: O PAPEL DE FÓRUNS E CHANS NA DIVULGAÇÃO E INCENTIVO À ATENTADOS

O que se conhece da internet atual, quando aplicada na ótica profissional e pessoal, se demonstra na fala de Calderon (2017), que classifica a web superficial como a “internet de todos os dias: através dela acessamos nossos webmails, fazemos compras, realizamos pesquisas acadêmicas, buscamos termos [...], compartilhamos nossa vida por meio das redes sociais e muitas outras coisas”.

A *web superficial* é formada por todas as páginas que são indexadas⁴ pelos mecanismos de busca convencionais, como o Google, Yahoo!, Bing etc. É o conjunto de páginas que estão no acervo do mecanismo de busca, ou seja, são páginas que são reconhecidas pelo motor e posteriormente guardadas em um banco de dados próprio (CALDERON, 2017, p.208).

Visto que a autora utiliza do termo “web superficial” para descrever a parte da internet comumente utilizada e vigiada, efetivamente se mostra existente a presença de uma “web profunda”, muito conhecida pelo termo em inglês “Deep Web”. Se a web superficial é rastreável, indexada e registrada nos canais de busca, a dita profunda se apresenta como

⁴ Indexar - no contexto da internet - tem significado em organizar o conteúdo de determinado site de acordo com algum índice escolhido como referência.

seu oposto, não indexável, possuindo seu conteúdo além daqueles presentes em motores de pesquisa (CALDERON, 2017).

A Deep Web representa uma camada exponente do ciberespaço que possui, na maioria das vezes, conteúdos não recuperáveis ou indexáveis pelos mecanismos de busca. O resultado da falta de indexação e posterior não recuperação da informação ocasiona uma quantidade significativa de conteúdos não transitáveis e, portanto, não acessados em todo o ciberespaço (VIGNOLI, MONTEIRO, 2020, p.3).

Sendo de difícil ou impossível rastreamento, são conhecidos fóruns e chans⁵ que exaltam atentados a instituições escolares, como os ocorridos em Columbine e Suzano. Dentre estas plataformas, se encontra o Dogolachan, fundado em 2013 e mantido por frequentadores que fazem parte da cultura *incel*.

Vargas (2020), em reportagem para a BBC News Brasil, dá significado ao termo, explicando que "*incel* é a contração em inglês para "celibatários involuntários", termo com o qual homens jovens, solitários, misóginos e rancorosos costumam se apresentar". O autor complementa este conceito dizendo que "Virtualmente impossível de ser rastreado, é no Dogolachan que os autoproclamados *incels* fermentam seu ódio contra mulheres e figuras de autoridade, como professores e parentes", o que destaca o sentimento de liberdade dos internautas em espalhar mensagens de ódio contra minorias e demais coisas que os deixam frustrados sentimentalmente.

Segundo consta, os assassinos de Suzano eram frequentadores do Dogolachan, onde inclusive os ataques teriam sido comemorados como um "ato sancto", expressão para caracterizar quando os usuários realizam no mundo real o que especulam no âmbito virtual, liberando sua raiva e frustração sobre os que consideram ser responsáveis pelo seu fracasso vital – geralmente estudantes e mulheres (NETO, 2019, p. 184).

Paulo Freire (1979) entrelaça a importância do meio em que se encontra o ser humano para com suas práticas, ao dizer que "Se ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isto não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem". Assim, é possível relacionar os fóruns pela internet frequentados por atiradores como Guilherme Taucci e Luiz Henrique de Castro com os atos do massacre em Suzano.

Mesmo assim, a família nunca desconfiou que a dupla partilhava desse pensamento sobre o mundo, tampouco que, pelo menos, um deles participava de um fórum virtual anônimo escondido da "superfície" da internet chamado de Dogola, um das centenas de chans que existem tanto na "superfície" como na *deep web* (BOTÃO; SOUZA; RIBEIRO, 2019, p. 4-5).

Relacionando a presença de atiradores nos chans com os ideais promovidos por Freire em "Pedagogia da Autonomia" (1996), percebemos a curiosidade e o pertencimento

⁵ Chans e fóruns da internet são utilizados para discutir temas diversos e, dentro do contexto da web profunda, podem adquirir cunho preconceituoso e misóginos, dada a não rastreabilidade destes.

frente à certos ideais como o principal fator de identificação aos discursos violentos promovidos virtualmente, onde o autor promove que “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

Sendo assim, o ódio a políticas voltadas a minorias, a violência como afirmação de poder e o sentimento nihilista de indiferença as vidas próprias e alheias são pautas que unem visitantes e simpatizantes destas, onde - em momentos - alguns se mostram dispostos a agir na sociedade tangível (Declercq, 2018). Estas ações ainda possuem motivações alheias a internet, sites e fóruns, se expandindo para a maneira em que os crimes aqui analisados são discutidos por jornais, revistas e demais recursos transmissores de informação.

2.2 O PAPEL DOS RECURSOS MIDIÁTICOS

A mídia tem estabelecido forte influência na sociedade contemporânea, onde muitos cidadãos reproduzem o que veem nos noticiários televisionados e escritos, dominados pelas personagens apresentadas por tais veículos. Antunes e Gerchmann (2019, p. 106), mostram que, no atual contexto midiático, “Os discursos não se aterão às leis, mas sim à mídia, criando heróis e demônios”.

Alessandra Corrêa (2019), em matéria para o BBC News Brasil, analisa como a mídia “endeusa e recompensa” os atiradores por seus feitos, ressaltando o caso de Columbine como um grande exemplo para os atiradores, e evidenciando suas semelhanças ao ataque em Suzano, desde a vestimenta ao armamento.

Com base no livro “Mass Shootings: Media, Myths and Realities” de Jaclyn Schildkraut (“Tirroteios em Massa: Mídia, Mitos e Realidade” em sua tradução livre), Corrêa ressalta que “Massacres como o que deixou ao menos dez mortos e 11 feridos em uma escola em Suzano, na Grande São Paulo, na quarta-feira, costumam ser seguidos por dias de cobertura intensa da mídia, muitas vezes com foco específico nos autores.”

Schildkraut ainda afirma que “Tipicamente, a cobertura da mídia é centrada no atirador, em vez de focar nas vítimas ou nos heróis que responderam ao ataque”, explicitando que este tipo de narrativa pode encorajar outras pessoas a realizarem tais atos, esperando que suas fotos e seus nomes estejam estampados em noticiários, atingindo-se, assim, um reconhecimento não vivido anteriormente. Esta influência, que se inclina para o lado oposto do esperado por quem a produz, tem seu foco central nos atiradores.

A reportagem explicou toda a linha do tempo do caso, usando uma linguagem narrativa, desde o momento que um dos atiradores disparou contra seu tio, dez minutos antes de irem à escola, até o fim do ato. Usaram mapas explicativos e fotos das vítimas, além de relatos de professores e alunos durante o ocorrido (BOTÃO, SOUZA e RIBEIRO, 2019, p.9).

Quando crimes como esses acontecem, é possível encontrar - de forma recorrente - matérias jornalísticas procurando motivações que justifiquem prontamente a realização do ato, acompanhando a alta rapidez com que se espera respostas na sociedade atual.

Com este intuito, tais textos expõem os assassinos e sua vida pessoal, principalmente aspectos familiares, para que alguém/algo seja responsabilizado, forçando um culpado em potencial. Seguindo a busca imediatista por responsáveis, a imprensa cobre incansavelmente cada caso, liberando para seus leitores cada detalhe e passo-a-passo dos atiradores, facilitando informações para futuros atentados (CORRÊA, 2019).

Botão, Souza e Ribeiro (2019, p.10), ao especificarem uma matéria feita pela Folha de S. Paulo sobre o massacre em Suzano, apontam uma dualidade reproduzida pela imprensa: a preocupação em advertir os interlocutores sobre o conteúdo tratado, mas a constante utilização de imagens sensíveis e sem extrema necessidade para compreensão do que está sendo discutido.

É importante notar, porém, que embora a reportagem deixe clara a natureza terrorista dos atos, e a convicção dos assassinos de se tornarem mártires, a Folha decidiu por colocar no corpo da matéria os nomes e fotos da dupla após terem cometido suicídio. Há um aviso de imagens fortes no início da galeria, assim como na reportagem do dia do massacre, porém parece contraditório abordar o tema de Suzano como sendo um ato de mártires e publicar informações da dupla que os fizeram virar mártires nos chans (BOTÃO, SOUZA e RIBEIRO, 2019, p.10).

Portanto, ao tratar-se da cobertura midiática acerca dos casos de atentados em escolas, é necessário considerar o uso de fotografias e informações como artifício narrativo, que chama a atenção de leitores e gera polêmica, e, dessa forma, possui maior alcance dentre as demais notícias diárias. Porém, a utilização da narrativa como forma de conduzir o noticiário - nestes casos específicos - pode influenciar e despertar a curiosidade de jovens ao tema, que, por verem a trajetória dos atiradores, esquematização e execução dos crimes contadas de forma atrativa ao público-alvo, se identificam e reproduzem a mesma caminhada.

2.3 CRISE DE MASCULINIDADE, AUTOAFIRMAÇÃO ATRAVÉS DE ARMAS E BULLYING

Atos amoques, segundo o conceito de Kurz (2003), seguem um pretexto da total falta de interesse na manutenção da própria vida dos atiradores, se estendendo para a vida das vítimas de cada caso. Para Krenak (2019), “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”. De tal maneira, os atiradores mostram a extinção do

sentido de viver em suas linhas de raciocínio, apresentando uma crise de identidade, muitas vezes promovida como uma “crise da masculinidade”.

Alguns estudos sugerem haver por trás de muitos dos casos uma possível "crise de masculinidade", em que jovens homens, em geral brancos, que se sentem desconectados da sociedade acabam encontrando na violência e na cultura de exaltação de armas de fogo uma forma de se autoafirmarem (IDOETA, 2019).

As relações com os chans virtuais exemplificam esta crise, através de ataques a pautas progressistas, como a luta pela igualdade de gênero e o fim dos preconceitos envolvendo etnias, orientações sexuais e outros aspectos sociais (DECLERCQ, 2018). Dessa forma, recorrem à brutalidade exacerbada oferecida pela visão social acerca das armas para se afirmarem dentro do modelo de homem estabelecido através de modelos conservadores e patriarcais.

Os massacres, infelizmente, tornaram-se um fenômeno global que se modula conforme as circunstâncias locais e opera por mimese, alastrando e viralizando a brutalidade lumpenradical⁶ em seus heróis-pastiche, avessos ao pensamento e dispostos a usar a destruição como arma para afirmação de uma virilidade ferida e uma vida fracassada (NETO, 2019, p. 188).

Ao analisar a postagem feita por Guilherme Tauci em seu Facebook, ou o material enviado por Cho Seung-Hui para a NBC News, ambas contendo forte exaltação do armamento utilizado nos respectivos ataques, é possível constatar que existe um ideal, por parte dos atiradores aqui citados, que elenca as armas como detentoras de poder.

Adquirir o armamento, trajar o figurino escolhido e deixar recados, gravações e fotos fazem parte do ‘ritual’ promovido pelos infratores, onde cada passo é de extrema importância para que tudo saia como o planejado (IDOETA, 2019). Com o fator cibernético e midiático fortemente ligado a esses atos, documentar o processo é, de fato, um aspecto pensado quando se esquematiza um atentado desse tipo, o que pode ou não ser de fácil construção, dependendo do contexto social onde está inserido o potencial atirador.

Dentro do contexto onde está inserido o massacre de Columbine, Eric e Dylan apresentaram fácil acesso às armas utilizadas, comprando munições em lojas de conveniência e arquitetando bombas caseiras, seguindo o fácil acesso ao armamento promovido pela sociedade estadunidense (MOORE, 2002).

Uma perspectiva histórica sobre essa questão também mostra que são as próprias relações sociais de classe, raça e gênero que explicam porque norte-americanos têm mais armas que todos os outros países do mundo: por centenas de anos, armas nas mãos de brancos foram usadas para reprimir pessoas indígenas e negras durante a escravidão e depois, sem mencionar o uso de armas contra grevistas e movimentos sociais diversos. Aliás, regulamentações de armas no passado foram estabelecidas em

⁶ O lumpenradicalismo se dá como visão de mundo próxima ao niilismo, mas com foco em ações brutais radicalistas, onde seus praticantes - ao desconsiderar a importância das vidas alheias e de suas próprias - buscam realizar atos de violência extrema, desde ofensas *online* até casos como os atentados em escolas.

grande parte para prevenir que afro-americanos tivessem acesso às armas (BRAZ, 2018).

Simultaneamente, um fator muito citado ao se debater sobre os atentados em escolas se dá nos amplos casos de bullying envolvendo estudantes que possam vir a se voltar contra seus colégios no futuro. É um ponto importante, pois fomenta o ódio às instituições escolares, colegas e professores. Todavia, não se demonstra como uma das principais motivações: Eric e Dylan, por exemplo, não sofriam bullying, eram relativamente populares em sua escola e até possuíam pares para o baile de formatura (CULLEN, 2019).

Em casos como o de Realengo, entretanto, foram constatados vastas rotinas de bullying envolvendo Wellington, o atirador em questão, atrelando que esta violência moral - juntas aos ideais misóginos promovidos pelo jovem, possam ter sido grandes motivadores para a execução do crime (LOPES, 2012).

Portanto, considera-se a violência escolar como um fator que promove o afastamento de estudantes de seus colegas, professores e escolas, o que pode acarretar na indiferença com estes no momento da construção e execução dos ataques, mas não como a principal via de acesso a estes atos.

3 O AMBIENTE ESCOLAR E SUA SEGURANÇA DENTRO DO CONTEXTO DE ATENTADOS

Idoeta (2019), promove a escolha da escola como local para a realização de um massacre atrelada à frustração social de quem o realiza, como um ato simbólico onde a instituição escolar, na verdade, é uma representação da sociedade como um todo. Os atos amoques simbolizam, neste contexto, o ódio a tudo e a todos canalizado como uma “microexplosão social” dentro de prédios que simboliza a formação integral do ser humano (KURZ, 2002). Sendo a educação, canalizada dentro das escolas, como um reflexo da sociedade que a cerca, é de se considerar que os mesmos descontentamentos apresentados pelos atiradores em manifestos, fotos, vídeos e posts em fóruns apareçam nos corredores e salas de aula.

O Brasil é um país com a maior miscigenação da América e quiçá do mundo, em virtude de que a sua colonização, teve a sua formação com descendências de vários povos, que vieram em busca de um mundo novo; outros já habitavam o país e há aqueles que foram trazidos à força (OLIVEIRA, 2014, p. 17).

Desse modo, com a colonização brasileira favorecendo a miscigenação e diversidade étnica e cultural, e levando em consideração a educação transformadora promovida por Freire (2000) em “Pedagogia da Indignação”, as mesmas pautas promovendo o respeito ao diferente instituídas em sala são fortemente negadas pelos infratores aqui citados, no âmbito

da defesa do “homem caucasiano”, no caso de Eric e Dylan, e seu reflexo em Wellington, Guilherme e Luiz Henrique.

Vieira, Mendes e Guimarães (2009) alegam que “Os school shooters (os atiradores) algumas vezes deixam claro que seu alvo é a escola (instituição) e o que ela representa, bem como a própria sociedade da qual se consideram vítimas”. Portanto, se explicita, a partir da sociedade refletida nos colégios, não o ato de matar por indiferença ao outro somente; mais do que isso, matar - nesse contexto - representa a aniquilação a toda a sociedade, representada como seu cerne nos jovens estudantes, professores e funcionários, e as relações hierárquicas, de amizade e de aprendizagem.

De fato, os laços estabelecidos dentro do contexto escolar são espelhos do que a sociedade apresenta. Porém, o entendimento deste fator, para Freire (2000), está na contrariedade desta afirmação, onde “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Quando Oliveira (2014, p.14), explicita que “Parte do cotidiano das pessoas, não se assusta mais ao falar sobre atos de violência, de crimes e de roubos. Ficou na sociedade contemporânea, banal, comum ou até mesmo normal, desde que ela não bata na sua porta, desde que ela não esteja inserida na sua própria casa”, se vê na escola o papel em discutir a violência, os ataques às minorias e as crises apresentadas pelos school shooters de forma a não permitir que atos explícitos como estes sejam levados em consideração como única forma de se atingir a plena autoaceitação.

Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existêmia, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos (FREIRE, 1996, p.22).

Portanto, o papel da escola, na finalidade de acabar com o cenário crescente dos massacres, se dá - no âmbito conceitual e pedagógico, em discutir temas tão corrompidos por frequentadores anônimos de fóruns virtuais, que fiquem a curiosidade de jovens e os levam para uma visão sem empatia e respeito para com o outro.

Quanto mais a concorrência abandona os indivíduos ao vácuo metafísico real do capital, tanto mais facilmente a consciência resvala numa situação que aponta para além do mero “risco” ou “interesse”: a indiferença para com todos os outros se reverte na indiferença para com o próprio eu (KURZ, 2002).

Assim, pode-se utilizar - para justificar esta análise - o seguinte questionamento de Freire (1996, p.15): “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?”. Discutir os massacres nos ambientes em que estes se dão é o primeiro passo para que - ao

menos - existam protocolos e conhecimentos adquiridos e transpassados aos envolvidos para como se portar em situações como esta.

O massacre da escola de Realengo pode ter aberto a caixa de Pandora, isto é, pode acontecer novamente em escolas e universidades do território brasileiro. Portanto, não é exagero se secretarias de educação elaborassem manuais e até treinos de sobrevivência para professores, alunos e funcionários, como já acontece em algumas partes do planeta. É preciso considerar que o treino militar "preventivo" contra atos amoks e o terrorismo é obrigatório nas escolas e universidades da China, Cuba, Coréia do Norte e Israel (LIMA, 2011, p. 131).

Seguindo o contexto do caso em Realengo, Wellington Menezes apresentou certa facilidade em adentrar a Escola Tasso da Silveira, visto que caminhou até uma das salas de aula portando duas armas de fogo - dentro de uma maleta - afirmando que era palestrante, o que lhe rendeu fácil autorização para livre circulação na instituição escolar sem grandes inspeções e controles de acesso (BERNARDO, 2021).

Ao levar em consideração os atentados brasileiros analisados, é possível perceber que seus atiradores eram ex-alunos das respectivas escolas. Entretanto, dentro do contexto estadunidense, percebe-se que - no momento da execução do crime - Dylan, Eric e Seung-Hui eram estudantes nos colégios que vieram a promover massacres.

Dessa forma, mostra-se necessário o início da discussão neste artigo levantada dentro dos ambientes de ensino. Refletir acerca da crescente presença destes delitos em instituições escolares pode construir ideias, caminhos e alternativas pensadas pelo coletivo de profissionais da educação para que cada colégio utilize medidas de acordo com a realidade em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando iniciar a discussão acerca dos atentados armados à escolas dentro do contexto da Pedagogia, este artigo analisou quatro dos casos mais discutidos em jornais, revistas e artigos científicos, ocorridos em Columbine e Virgínia Tech, no contexto estadunidense, e em Realengo e Suzano, no contexto brasileiro. A análise aqui promovida foi construída a fim de entender as motivações dos atiradores na escolha do ambiente escolar como palco para tais crimes; como os aspectos sociais, culturais e familiares atravessam a caminhada de um jovem aluno que se torna um possível cometedor de tal delito; e quais contribuições o âmbito escolar pode levar para fazer com que estes crimes acabem.

Para promover tais reflexões foram utilizadas, através do método de análise bibliográfica, matérias de jornais e revistas, artigos científicos, livros e documentários

tratando sobre a temática, o que promove este texto à possível base na inserção desta discussão dentro de um grupo de profissionais da educação.

Sendo assim, ao responder as perguntas levantadas na introdução deste artigo, pensa-se que: a escola é escolhida como palco para a realização de atentados pois esta representa a sociedade vivida pelos atiradores em pequena escala, onde os crimes proferidos em seu interior são simbologias para com os ideais sociais de quem os praticam.

Além deste fator, é preciso levar em consideração diversos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos para compreender o raciocínio traçado pelos *school shooters* ao planejarem seus massacres: motivações com cunho religioso, ódio à minorias sociais e identificação com outros casos são identificados como contribuintes em casos aqui analisados, podendo ou não aparecer em outros contextos.

Deste modo, vista as numerosas singularidades que tornam jovens estudantes em atiradores, pensa-se que - dentro de sua função pedagógica e social - a escola tem seu papel em tornar-se um ambiente acolhedor, de forma que seus alunos não se voltem futuramente contra si, mas que a vejam como um potencial fator de melhoria para a comunidade em que está inserida.

Os chamados 'atos amoques', ao serem comparados, revelam semelhanças e padrões que se mostram presentes em diversos aspectos: desde à forma como se dá a relação dos indivíduos com o *bullying*, violência e contexto familiar, até a maneira como os-recursos midiáticos se posicionam ao tratar sobre tal assunto, passando por fóruns e *chans* online que, ao elevarem os atiradores como heróis, criam uma comunidade de apoiadores ao crime, fisgados por inúmeros fatores de identificação com a trajetória dos envolvidos nos casos.

Portanto, é preciso perceber que a escola não deve ser considerada como a culpada para que um massacre ocorra em seu interior, e, sim, como fator de auxílio no fim destes, através da educação transformadora promovida por Paulo Freire, onde os jovens estudantes se libertam das amarras sociais para alcançarem o conhecimento, e os colégios passam a não somente serem um espelho da sociedade, mas a instituição que irá modificá-la e melhorá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Cesar Augusto; GERCHMANN, Augusta. O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. 53, n. 4, p. 103-116. 2019. Disponível em :<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v53n4/v53n4a07.pdf>>. Acesso em 25 de mai. de 2022.

ASSASSINO postou fotos com arma minutos antes do Massacre em Suzano. **G1**, 13 de mar. de 2019. Mogi das Cruzes e Suzano. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/assassino-postou-fotos-com-arma-minutos-antes-do-massacre-em-suzano.ghtml>>. Acesso em 14 de out. de 2022.

BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 6 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>>. Acesso em 15 de out. de 2022.

BOTÃO, Ana Cláudia Rodrigues; SOUZA, Juan Alejandro Tasso; RIBEIRO, Marislei da Silva. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, XX, 2019, Porto Alegre. **Anais**. Rio de Janeiro: Intercom, 2019, 12 p. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0402-1.pdf>>. Acesso em: 16 de out. de 2022.

BRASIL. Dez massacres em escolas foram evitados pelas Polícias Cíveis com ajuda do Ministério da Justiça e Segurança Pública neste ano. **Governo Federal**. Brasília, 17 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/dez-massacres-em-escolas-foram-evitados-pe-las-policias-civis-com-ajuda-do-ministerio-da-justica-e-seguranca-publica-neste-ano>>. Acesso em 18 de mai. de 2022.

BRAZ, Renan. Massacre em Columbine. **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo**, São Paulo, 18 de abr. de 2018. Hoje na História. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/533>>. Acesso em 15 de out. de 2022.

BRUM, Anita; SILVA, Rosane Leal da. O massacre de Suzano e a (in)atuação dos atores da proteção integral à luz da liquidez social e suspensão da ética. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 41-59, mai. de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/3833>>. Acesso em: 2 de out. de 2022.

CALDERON, Barbara. **Deep & Dark Web**. Rio de Janeiro: Alta Books, 1ª ed, 2017.

CORRÊA, Alessandra. Massacre em escola de Suzano: destaque na mídia é 'recompensa' para atiradores, diz pesquisadora americana. **BBC News Brasil**. São Paulo, 14 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47564592>>. Acesso em 25 de out. de 2022.

CRONOLOGIA: massacre em Suzano. **G1**. São Paulo, 13 de mar. de 2019. Mogi das Cruzes e Suzano. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>. Acesso em 17 de out. de 2022.

CULLEN, Dave. **Columbine**. 1ª ed. São Paulo: Darkside Books, 4 de out. de 2019. 448 p.

DECLERCQ, Marie. Sabe o que é frustração? Máquina de fazer incel. **Vice**. 15 de mai. de 2018. Entretenimento. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/zm8v3e/incel-massacre-realengo-dogolachan-homini-sanctus-marcello-valle-silveira-mello>>. Acesso em 16 de out. de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 135 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 80 p.

IDOETA, Paula Adamo. Massacre em escola de Suzano: Padrão de atiradores envolve crise de masculinidade e fetiche por armas, dizem especialistas. **BBC News Brasil**. São Paulo, 16 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47573154>>. Acesso em: 12 de abr. de 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 24 de jul. de 2020. 104 p.

KURZ, Robert. A pulsão de morte da concorrência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 de mai. de 2002. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kurz/2002/05/26.htm>>. Acesso em 29 de set. de 2022.

KURZ, Robert. A frieza para com o próprio eu e a pulsão de morte do sujeito sem fronteiras. **EXIT!**, mai. de 2017, p. 50-69. Disponível em: <<http://www.obeco-online.org/rkurz423.htm>>. Acesso em 29 de set. de 2022.

LEMONS, Vinícius. 'Um ídolo para eles': investigação sobre neonazistas revela admiração a autor de massacre em Suzano. **BBC News Brasil**. São Paulo, 22 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59733205>>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

LETA, Thamine. Leia a íntegra da carta do atirador que invadiu escola no RJ. **G1**, Rio de Janeiro, 7 de abr. de 2011. Tragédia em Realengo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/leia-trecho-da-carta-do-atirador-que-invadiu-escola-no-rj.html>>. Acesso em 18 de out. de 2022.

LIMA, Raymundo de. Após o massacre de Realengo. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 121, p. 130-134, 5 jun. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13646>>. Acesso em 18 de mai. de 2022.

LOPES, Anchyses Jobim. Considerações sobre o massacre de Realengo. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 37, p. 25-44, jul. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

MASSACRE em universidade deixou 33 mortos em 2007. **G1**, São Paulo, 8 de dez. de 2011. Mundo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/12/massacre-em-universidade-deixou-32-mortos-e-m-2007.html>>. Acesso em 15 de out. de 2022.

MASSACRE de Columbine. **Memória Globo**, 28 de out. de 2021. Coberturas. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-de-columbine/noticia/massacre-de-columbine.ghtml>>. Acesso em 18 de out. de 2022.

NETO, Moysés Pinto. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpen radicais. **Dialogia**. São Paulo: v. 33, p. 178-191. set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790/7840>>. Acesso em 25 de mai. de 2022.

OLIVEIRA, Vilma Nunes de. **Violência na escola como reflexo da sociedade**. 2014. 42 p. Centro de Educação - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2963/1/VNO22092014.pdf>>. Acesso em: 15 de out. de 2022.

RELATÓRIO critica reação de universidade a massacre nos EUA. **BBCBrasil.com**. 2007. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070830_virginia_massacre_dg>. Acesso em 15 de out. de 2022.

TIROS em Columbine. Direção de Michael Moore. Estados Unidos da América: MGM, 2002. 1 DVD (119 min.).

VIEIRA, Timoteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARÃES, Leonardo Conceição. **De columbine à virginia tech**: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. 9 de fev. de 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/yS4t7zpXbwTKRbQ9Cgzmtbg/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de out. de 2022.

VIGNOLI, Richele Grengé; MONTEIRO, Silvana Drummond. *Deep Web e Dark Web*: similaridades e disparidades no contexto da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 32, 12 p. 21 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/8QrnXfB7VXrG4G6ywmhZngK/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em 13 de out. de 2022.